

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO - CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Livia Tokasiki

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso

“Revelações: sete vezes em que a fotografia transbordou sentidos”

Florianópolis

2022

Livia Tokasiki

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso
“Revelações: sete vezes em que a fotografia transbordou sentidos”

Relatório técnico do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Valentina da Silva Nunes.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tokasiki, Livia

Revelações: sete vezes em que a fotografia transbordou
sentidos / Livia Tokasiki ; orientadora, Valentina da Silva
Nunes, 2022.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo. 3. Fotografia. 4. Crônica. 5.
Histórias do cotidiano. I. da Silva Nunes, Valentina. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Livia Tokasiki

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso
“Revelações: sete vezes em que a fotografia transbordou sentidos”

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Jornalismo” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de março de 2022.

Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Fernando Antônio Crocomo
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Flávia Guidotti
Avaliadora
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Um dia eu li que a vida se compara com a curva da letra “s”: tem uma ponta que sobe, tem outra que desce, e a volta que dá no meio nem todo mundo conhece. Agradeço meus pais por me introduzirem aos pontilhados. Por me assegurarem de que apesar dos desvios da vida, há sempre um lugar para retornar: o ponto de partida, a zona do conhecido, a família.

Agradeço à minha avó, Tiyoko, quem me ensinou a descascar laranjas sem pressa, me mostrando que o caminho de uma ponta a outra leva o tempo que a laranja precisa para se desfazer de sua casca. Assim como o tempo da curva. Assim como no caminho da vida.

Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos que presenciaram o meu despir de tantas cascas. Houve quem me viu ainda verde, outros que seguiram juntos neste processo interminável que é o amadurecimento. Obrigada por ampliarem os sentidos dos nossos encontros.

Agradeço à Sara, minha terapeuta, pelo acolhimento, pela escuta e pela confirmação. Se hoje vejo tantas camadas descascadas e caminhos percorridos, é grande parte graças ao seu suporte. Obrigada por me ajudar a enxergar que cada um escreve a letra “s” da sua maneira e que nós podemos descobrir, a cada dia, um novo jeito de contornar a curva.

Agradeço à Valentina, minha orientadora, pela relação que construímos dando vida a este projeto. Obrigada pela atenção e, principalmente, por compreender os meus processos. Este trabalho é fruto deste respeito.

Agradeço à banca, Fernando e Flávia, por toda a trajetória de parceria. Muito além das técnicas de fotografia, vocês me mostraram que a relação professor-aluno pode ser horizontal, amplificada e duradoura. Obrigada por estarem comigo do início ao fim deste ciclo. Meus eternos mestres.

Se falo de lembranças, saibam que guardei vocês na memória. Todos vocês que me ensinaram sobre processos, tentativas e erros, subidas e descidas, curvas, caminhos. Obrigada por provarem que a vida faz sentido quando em movimento.

“A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo, sob a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.

É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das imagens”.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso prevê a realização de uma coletânea de crônicas sobre as diferentes relações construídas entre um indivíduo e a fotografia. Seja o fotografar (ato) ou a fotografia (objeto), a pauta será conduzida pela pluralidade de assuntos tecidos de uma mesma inspiração, buscando compreender a profundidade temática advinda da fotografia para além da sua prática. Debruçando-se sobre um gênero cuja pretensão é “captar instantâneos reveladores da sociedade” (COSTA, 2005) e que, por isso, assemelha-se ao próprio ato fotográfico, deseja-se compilar pequenas histórias voltadas para o ordinário, revelando o que levou cada personagem a construir um sentido especial para a fotografia.

Palavras-chave: Jornalismo. Fotografia. Crônica. Histórias do cotidiano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DESENVOLVIMENTO	12
1.1 CONTEÚDO	12
1.2 FORMATO	13
2 PROCESSOS DA APURAÇÃO	14
2.1 PRÉ-APURAÇÃO	14
2.2 APURAÇÃO	15
2.3 REDAÇÃO	16
2.4 EDIÇÃO	17
2.5 DIAGRAMAÇÃO	17
3 RECURSOS E ORÇAMENTOS	19
4 CONCLUSÃO	19
REFERÊNCIAS	21
ANEXO A	22
ANEXO B	23
ANEXO C	24

INTRODUÇÃO

“Por que estou escrevendo isso?” Eu me fiz essa pergunta incontáveis vezes ao longo da construção do livro. No início, ela parecia uma enorme interrogação que me provocava a questionar qual seria a relevância do meu tema. Durante o desenvolvimento do projeto, ela era o meu fio de Ariadne¹, que me conduzia no labirinto da escrita, sendo meu guia até o portal de saída. Agora, ao final do processo, me pergunto novamente, porque a resposta sempre foi para mim um lugar de segurança, como um direcionamento para o início de tudo: a que desejos este trabalho veio satisfazer?

Por muitas vezes questioneei qual seria a relevância de escrever sobre um tema que fugia às pautas do *hard news*². Ao trabalhar com relatos sobre fotografia, que contribuições esse trabalho teria para quem chegasse ao livro? Presa à ideia de que o comum e o normal possuíam um menor valor informativo³, estava me esquecendo de que meu produto não buscava atender às demandas de um periódico, ao qual os critérios de noticiabilidade⁴, aí, sim, distribuem pesos. O fim deste trabalho era, senão, a consolidação de uma coletânea de crônicas. Da capa ao miolo, seu diferencial seria exatamente o que antes eu via como um problema: o comum, o ordinário. As histórias sobre o cotidiano. Puxei o fio de Ariadne, me encontrei no labirinto, e percebi que o meu desejo era produzir um material que desafiasse essa rigidez que me afligia: colaborar com uma alternativa para o jornalismo tradicional. Explorar as possibilidades de um produto cujo conteúdo e formato subvertessem o usual. Assimilar os efeitos dessa subversão narrativa.

¹ Em seu livro *Sobre entrevistas*, Stela Guedes Caputo faz alusão à mitologia grega de Teseu e Ariadne para explicar o sentido da escrita. Caputo explica que, por vezes, nossa escrita se perde, como se fôssemos jogados no labirinto do minotauro, e precisamos de um caminho que nos conduza até a saída. Para Teseu, personagem da lenda, foi graças ao novelo cedido por Ariadne que ele pôde se localizar no labirinto, reconhecer os caminhos tortos e enfrentar o minotauro. Para nós, que escrevemos, o fio de Ariadne seria a pergunta: “por que estou escrevendo isso?” (CAPUTO, 2006, p. 19).

² Aqui, considera-se o conceito desenvolvido por Jorge Pedro Sousa que diferencia as notícias em *hard news*, isto é, notícias “duras”, relativas a acontecimentos, e *soft news*, as notícias “brandas”, referentes a ocorrências sem grande importância (SOUSA, 1999).

³ Essa afirmação vem de tempos. Gislene Silva relembra em seu estudo *Para pensar critérios de noticiabilidade*, que Peucer já dizia, no século XVII, que “o que é comum e normal possui pouco valor informativo” (PEUCER apud. SILVA, 2013, p. 100).

⁴ Gislene Silva compreende noticiabilidade como “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais” (SILVA, 2013, p. 96).

Assim, localizei-me nas crônicas, gênero que possui como uma das principais características o olhar para o cotidiano. Propus, então, aprofundar o debate sobre a temática a partir da observação micro, aproximada e intimista. Mais uma vez retornei à pergunta condutora do trabalho, agora com mais detalhes sobre o que seria esse “isso” sobre o qual estaria escrevendo: “por que estou escrevendo crônicas sobre fotografia?”.

Me parecia estranho subverter a máxima de que uma imagem vale mais do que mil palavras. Por que escrever sobre algo que é tão pleno que não faz falta a palavra? Essa inquietação foi se silenciando ao passo que o texto surgia. A fotografia revelada no papel transbordava seu sentido. A narrativa era a responsável por esse efeito, ao contribuir com informação, detalhes e desdobramentos. Dei-me conta que as palavras e as imagens, quando combinadas, conseguiam dizer ainda muito mais sobre cada uma das histórias.

Como um gênero do entre-lugar, a fronteira entre o jornalismo e a literatura, as crônicas me permitiram transitar por esses dois espaços, proporcionando ampliar a visão sobre a realidade, mas também garantindo profundidade aos relatos narrados⁵. Desta forma, ao propor a realização de sete histórias que retratassem diferentes relações entre um sujeito e a fotografia, minha intenção foi expandir a discussão para subtemáticas que perpassassem o tema central. Foi assim que cheguei a sete diferentes sentidos para a fotografia: como um suporte para o luto, como um objeto de ressignificação, como um ato político, como um ato de fé, como uma forma de viajar pelo tempo, como um motivo para a união familiar e, por fim, como um legado passado há gerações.

Este era, enfim, o objetivo deste trabalho, a resposta para a pergunta “sobre o que eu julgo importante escrever?”: discorrer sobre a profundidade de sentidos que a fotografia poderia ter. Revelar sua importância como um recurso de registro, preservação de memória, compreensão de identidade e reconhecimento da historicidade de cada um. Amplificar os sentidos da fotografia usando como suporte a palavra, os efeitos da narração.

Agora, ao fim do projeto, posso afirmar que escrevo porque a palavra me amplia sentidos. Escrevo sobre fotografia porque as imagens trazem histórias, recordações, são produtos de um instante que alguém quis capturar, eternizar, salvaguardar e revisitar. As palavras unidas às imagens, então, ampliam o sentido da fotografia. Transbordam. Vejo as

⁵ O jornalista e pesquisador Felipe Pena relaciona o jornalismo literário a uma estrela de sete pontas, isto é, sete itens imprescindíveis que denotam que uma peça pertence a esse gênero amplo. Nesta citação, faço referência à segunda e à terceira ponta que, respectivamente, são: ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano e proporcionar uma visão ampla da realidade (PENA, 2006, p.7).

palavras e as imagens como duas formas de expressão que se encontram no jornalismo, este campo das comunicações que percorri ao longo desses cinco anos de graduação, experimentando formatos e linguagens que me permitissem informar, comunicar, expressar e entreter.

Deixo registrado, então, neste relatório técnico que discorre sobre meu projeto experimental, a coletânea de crônicas *Revelações: sete vezes em que a fotografia transbordou sentidos*, que os motivos da escrita foram muitos. A cada vez que me questionava, a resposta ganhava ainda mais profundidade. Como se o próprio projeto estivesse revelando, pouco a pouco, toda a sua nitidez. Quais foram os caminhos percorridos neste labirinto, que é o processo de escrita? Que atalhos decidi seguir? Que emboscadas me surpreenderam? Quantas vezes tive que recorrer ao fio até chegar ao fim desta jornada? A partir deste relatório pretendo compartilhar como foi o processo de revelação do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

1 DESENVOLVIMENTO

Como Trabalho de Conclusão de Curso, optei por desenvolver uma coletânea de crônicas a respeito das diferentes relações construídas entre um indivíduo e a fotografia. Alguns conceitos foram determinantes para a consolidação do livro, os quais divido em dois momentos de reflexão: sobre o conteúdo e sobre o formato. Aqui, destaco algumas referências de leituras, acadêmicas e literárias, que foram a base para a construção do livro: o meu suporte para iluminar os caminhos desse labirinto que é o processo da escrita.

1.1 CONTEÚDO

O que compreendo como reflexões sobre o conteúdo dizem respeito à contextualização da temática que escolhi desenvolver: a relação entre um sujeito e a fotografia. Antes do meu contato com os sete entrevistados, não sabia, ao certo, a que caminhos esta proposta poderia me levar. Havia fantasiado que a fotografia, como um dispositivo de registro, conduziria-me a relatos sobre memória que, aqui, entende-se como uma reconstituição do passado que auxilia a compreensão da identidade e da historicidade dos indivíduos (LE GOFF, 2003, p. 410).

A minha intenção ao trabalhar com a memória, o passado evocado pelos indivíduos, era, na verdade, compreender os efeitos das suas lembranças na percepção do tempo presente. Considera-se a visão de João Carlos Tedesco, quem afirma que:

[...] o ato objetivo/de recordar os processos vividos que cada um de nós organiza e reinvoca no passado, do ponto de observação do presente, possui a capacidade de estruturar a experiência num patrimônio utilizável para si e comunicável aos outros. Porém entendemos não ser essa a única dimensão da memória, aquela pode ser entendida como estrutura de interiorização e exteriorização de fatos, circunstâncias e vividos organizados, espacial e temporalmente, para transmitir ao externo a representação pessoal e/ou coletiva da própria história ou da de outrem (TEDESCO, 2004, p. 38).

Diante desse pretexto, que considera as experiências vividas como um patrimônio repassado pelas lembranças, a fotografia se insere como uma ferramenta. À medida que se entende como um “ato de se escrever com a luz”, esta prática possibilita a captação de imagens, por meio químicos ou digitais (RODRIGUES, 2007, p. 69), contribuindo como um dispositivo de registro documental. Ela age, assim, como um recurso para a memória. Serve aos indivíduos imagens instantâneas que, ao estimular o processo de recordar, auxiliam na construção das suas versões sobre os acontecimentos vividos (SAMAIN, 1998, p.22).

Este recorte estabelecido sobre a pauta, cuja memória é o fio condutor para os acontecimentos narrados, está na crônica *O efeito da fotografia*, em todas as vezes que Amanda relembra Clarice. Está em *Acervo de história dos outros*, conforme Marcelle restitui sentido às memórias deixadas ao esquecimento. Está em *Camélias do Novo Tempo*, quando deixa evidente que a memória pode construir narrativas, determinar discursos e impressões sobre a identidade. Também está em *Aos pés de Nossa Senhora*, à medida que Elenilda se lembra para quem orar. E está em *Aos saudosos, as fotografias!*, ao possibilitar um regresso às experiências vividas por Fernando. Está ainda em *Os álbuns de família*, quando Miguel busca eternizar a memória social dos Cappelli. E, finalmente, está em *O legado dos Durão*, a cada lembrança evocada por Guilherme em seu processo de resgate familiar.

Apesar da fotografia ser compreendida como um passado preservado, ressalto a observação de Boris Kossoy, quem defende que a objetividade reside apenas nas aparências. Para o fotógrafo e pesquisador, “essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram” (KOSSOY, 2001, p. 152). É partindo dessa provocação que tomo como suporte o jornalismo e a literatura para uma compreensão aprofundada do que os documentos imagéticos podem significar para cada entrevistado.

1.2 FORMATO

As escolhas - de formato e de linguagem - deste trabalho não foram aleatórias. Aqui, relembro Luiz Gonzaga Motta, que disse uma vez que nenhuma narrativa é ingênua e que quem narra tem algum propósito ao narrar (MOTTA, 2007, p.3). O meu intuito ao optar pelas crônicas foi encontrar um formato que contemplasse a necessidade de aprofundamentos dos relatos. Primeiro, porque a temática exigia um recorte subjetivo para a compreensão dos sentidos das fotografias. Segundo, visto que a produção deste trabalho ocorreu em meio à pandemia da Covid-19, o que implicou em apurações remotas, entrevistas sucintas e, portanto, uma menor quantidade de conteúdo.

Em face a essas necessidades, a escolha por um produto do jornalismo literário não foi apenas estética, mas pragmática. A partir dos recursos literários, o jornalismo consegue alicerce para ultrapassar os limites dos acontecimentos, ampliando a visão sobre a realidade e garantindo profundidade aos relatos narrados (PENA, 2006, p.6). A crônica, sendo um produto deste tipo

de fazer jornalístico, possibilita o desenvolvimento das histórias à medida que permite, por meio da linguagem e do formato, a construção de um texto enxuto, informativo e subjetivo.

Quando comentei, na introdução deste relatório, que as palavras amplificavam sentidos, muito deve-se à linguagem adotada para os textos, que intercala o fático e o fictício de maneira que entrega os fatos vagarosamente ao leitor. Ao longo da escrita das sete crônicas, fiz usufruto de estilos narrativos que amplificam os efeitos do real e do poético (MOTTA, 2007, p. 9), visando o aprofundamento dos relatos. Aqui, concorda-se com a ideia de que:

A narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. [...] É polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, *realia* e poética (MOTTA, 2007, p. 9).

Esses efeitos de poético, os quais identifico quando recorro a ambientações e descrições mais detalhadas, são recursos que aproximam o leitor da obra. Muito me inspirei no livro *O olho da rua*, de Eliane Brum, por sua excelência em conseguir unir jornalismo e literatura em suas crônicas-reportagens que informam ao passo que entretém. Aqui, resgato Tom Wolfe, um dos fundadores do Novo Jornalismo, a corrente que permitiu que eu e Brum fizéssemos jornalismo acompanhadas da literatura.

O que mais me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismo tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto, [...] para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor (WOLFE, 2005, p.28).

2 PROCESSOS DA APURAÇÃO

2.1 PRÉ-APURAÇÃO

No primeiro semestre de 2020, quando ainda cursava a disciplina Planejamento de TCC, minha ideia de projeto era outra: um livro-reportagem sobre histórias resgatadas por objetos. A partir da comparação de que as casas são como os museus, desejava destrinchar o que havia de micro-histórias sendo preservadas nas paredes, móveis e estantes de indivíduos que são ao mesmo tempo visitantes e conservadores do seu acervo particular. A pandemia da Covid-19, que interrompeu tantas vidas, também atravessou o processo desse trabalho.

Ao final daquele mesmo ano, já havia abandonado a ideia. Como não seria permitida a realização de entrevistas presenciais, não via sentido em continuar com a pauta, sem nem, ao menos, poder visitar os entrevistados, percorrer suas casas. Transitei por outras temáticas, até que me contentei com a proposta de falar sobre um objeto específico: a fotografia. Partindo de um interesse pessoal, a prática da fotografia também me acompanhou durante toda a graduação: durante as disciplinas do curso, nos Projetos de Extensão Floripa Pinhole e Fotolivres360, dos quais fui bolsista, na cobertura fotográfica para o Jornal-Laboratório Zero, entre outras atividades extracurriculares.

Fez sentido, para mim, retornar a este tema no fechamento da graduação. Infelizmente, a ideia de trabalhar com captação, uma grande reportagem fotográfica, estava distante de ser possível em meio à pandemia. Por isso, recorri ao texto e decidi permanecer com a ideia de fazer um livro-reportagem. Esse formato me possibilitaria realizar o trabalho, da pré-apuração ao produto final, de maneira remota.

Iniciei minhas pesquisas sobre a temática definida no início de 2021. Primeiro, precisava chegar até as histórias que fariam parte do meu trabalho. Fui me lembrando de pessoas que se interessavam por fotografia. Comecei pelo Miguel, com quem já tinha um contato prévio e sabia de um possível interesse. Depois, entrei em contato com a Samyla e com o Guilherme, quem eu havia conhecido na pandemia, durante um curso *online* sobre revelação fotográfica. Os entrevistados seguintes chegaram até mim depois que publiquei em meu perfil do Instagram que estava procurando por fontes que fizessem algum tipo de coleção fotográfica. Foi o caso da Amanda, do Fernando e da Elenilda. O contato com Marcelle também se deu através do Instagram, rede social por onde conheci seu trabalho.

Durante o processo de seleção das fontes, minha intenção foi me atentar à diversificação de abordagens. Assim que entrava em contato com as fontes, já conversava previamente sobre a proposta do trabalho e recebia um retorno de como a pauta poderia refletir em cada um.

2.2 APURAÇÃO

A apuração teve início em março de 2021, quando realizei as entrevistas para o TCC. Além dos sete entrevistados que constam do livro, ainda conversei com a minha avó, Tiyoko - cujo relato abre a apresentação do livro -, e com uma outra fonte que, pela qualidade da

entrevista e pela temática repetida, decidi deixar de lado. Sua história, por se tratar de coleções de fotografias 3x4, se assemelhava com a proposta da Elenilda.

A fim de respeitar os protocolos de distanciamento e preservar a minha saúde e a das fontes, as entrevistas realizadas para este trabalho foram feitas através de videochamadas - via Skype, para facilitar a gravação de tela - o que, por vezes, mostrou-se um desafio técnico.

As falhas de conexão com a internet e a própria barreira existente numa conversa intermediada por telas contribuíram para uma menor aproximação com as fontes. A maior parte das entrevistas não ultrapassou 50 minutos, tempo suficiente para que houvesse certa saturação por estarmos em frente a um computador ou celular, ou para que alguma intervenção ocorresse, como uma necessidade externa, e assim a chamada fosse interrompida. Foi custoso, para mim, ser impossibilitada de realizar entrevistas presenciais.

2.3 REDAÇÃO

Ao me deparar com entrevistas enxutas e, portanto, uma menor quantidade de conteúdo, dei-me conta que não teria material o suficiente para desenvolver o livro-reportagem que havia planejado. Propus à professora Valentina, minha orientadora, que mudaria para contos. Finalizei as transcrições, criei a minha primeira versão de texto e entreguei à orientadora no final de julho de 2021.

A primeira devolutiva foi frustrante. Meu texto estava hermético demais, difícil de acessar. Na tentativa de criar um conto, acabei deixando-me levar pela literatura e me distanciei do jornalismo. Valentina comentou que faltava evidenciar meu referencial, sobre quem tratava a pauta, sobre o que estaria escrevendo. Acho que este foi meu alerta para puxar o fio de Ariadne, retornar à pergunta condutora, a fim de me encontrar no projeto.

Revisitei a proposta do formato, mais uma vez, e decidi, enfim, que trabalharia com crônicas. Procurei por leituras sobre o gênero que havia guardado da disciplina Apuração, Redação e Edição V, e me deparei com o livro *Pena de aluguel*, de Cristiane Costa, em que a autora compara o exercício do cronista com a fotografia. Me encantei com a semelhança entre o gênero textual e a temática do meu trabalho. Costa diz, em determinado trecho, que a pretensão dos cronistas era captar instantâneos reveladores da sociedade. Como um fotógrafo escolhe o que enquadrar, o cronista decide que temática, dentre tantas possíveis no seu flunar, irá transcorrer em sua pequena história sobre o cotidiano.

Vi, assim, beleza no ato de narrar a partir de um estilo coerente com a temática. Era agosto de 2021 quando alinhei minhas novas propostas com a Valentina. Ela me orientou a fazer as crônicas complementadas de paratextos (prefácio e posfácio), a fim de alcançar um conteúdo mais extenso e aprofundado. No início de setembro do mesmo ano, decidi cancelar a disciplina de TCC e, desta forma, estender a minha produção para conseguir tempo de finalização.

Em dezembro de 2021 apresentei as primeiras versões para as crônicas do Miguel, do Fernando, da Samyla, da Amanda, da Elenilda e da Marcelle. Mais uma vez, Valentina reforçou a necessidade de buscar o referencial. Alguns textos ainda permaneciam bastante etéreos, mas havia acertado o tom e a linguagem no texto de Marcelle. Tinha, enfim, um caminho seguro a seguir.

Entre o final de 2021 e o início de 2022 foquei em revisar as crônicas que já havia escrito, criar uma crônica nova - a do Guilherme -, além dos paratextos. Com pesar, tive que deixar de lado, pela falta de tempo, a crônica que pretendia escrever sobre a minha avó Tiyoko. Encontrei uma alternativa para inseri-la na apresentação do livro - o prefácio -, que serviu de introdução ao projeto. Os bastidores - o posfácio - foram uma sugestão de Valentina para que eu aproximasse ainda mais o leitor do processo jornalístico do meu trabalho. Como um *Profissão Repórter* da minha pauta, pude compartilhar os caminhos que me levaram a escrever cada crônica.

2.4 EDIÇÃO

O processo de edição aconteceu em concomitância com a redação do texto. Também tive o suporte da orientadora para revisão final dos documentos.

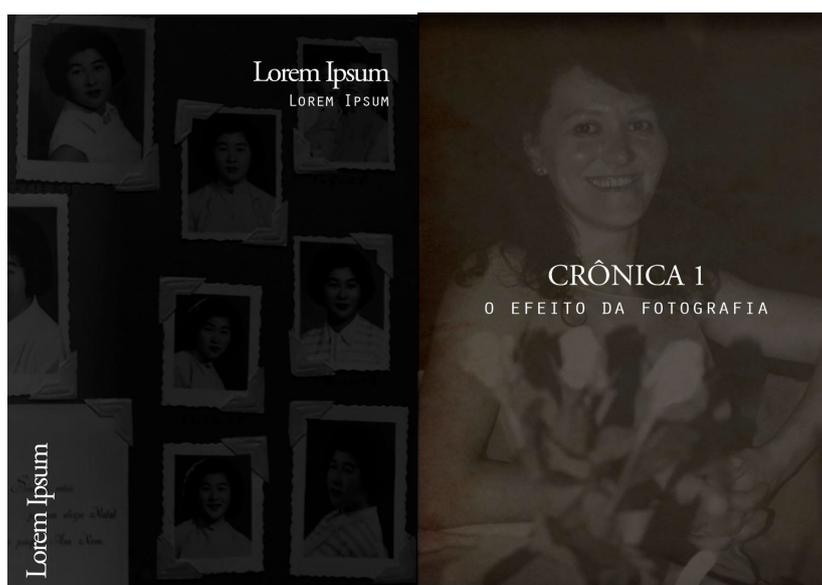
2.5 DIAGRAMAÇÃO

No final de 2021, tive o prazer de conhecer e trabalhar com a Bárbara Verde, designer responsável pela criação da linguagem e diagramação do livro. Em reunião, alinhamos as referências e as possibilidades de construção do material que deveria contemplar, digitalmente, tanto texto, quanto fotos.

Pensamos juntas em um formato que viabilizasse a leitura em telas de computadores e de dispositivos móveis. Foi preciso uma maior atenção às imagens, uma vez que as captações foram disponibilizadas pelos entrevistados, o que, por vezes, variou em qualidade de resolução e unidade estética.

Como a diagramação ocorreu enquanto corria a redação final dos textos, as primeiras versões recorreram ao recurso de Lorem Ipsum (texto de preenchimento de espaço). Abaixo estão, respectivamente, as primeiras versões da capa principal e da capa capitular, e um exemplo de diagramação para crônica.

O projeto gráfico final resultou em um *e-book*, com 45 páginas, dividido em três partes: prefácio, crônicas e posfácio. Como estratégia para preservar a qualidade das fotografias, a designer dispôs as imagens em tamanhos distintos, aplicando um efeito de moldura, o que aproximou a estética de um álbum antigo.



(figura 1: acervo pessoal)

O EFEITO DA FOTOGRAFIA

Foram sempre as duas, Clarice e Amanda. Só as duas, como se o cordão umbilical que ligou Amanda à Clarice por nove meses nunca tivesse sido rompido. Quando Amanda não tinha nem um ano de vida, Clarice a levava para onde fosse. Trabalhava em restaurantes, casa de família. Dava seus pulos para ter sua filha sempre por perto. Quando chegou a época de Amanda ir à escola, por acaso ou sorte, foi Clarice a sua professora. E assim seguiram durante dez anos. Dia a dia, lado a lado, mãe e filha.

Passando o ensino médio, Clarice já não era mais tutora. Amanda já não era mais criança também. Um desmame estava por vir, pressentiam. Chegara a época em que Amanda descobriria o mundo cada vez mais sozinha, pelo menos longe dos olhos da mãe. As primeiras festas, os primeiros namoros. Mas o que veio, em verdade, foi para além de um desmame. Foi uma partida. Não do cordão, mas de Clarice. E agora, irrevogavelmente, Amanda descobriria o mundo sozinha.

Clarice Salete Brandalize faleceu em 2019. Amanda tinha 18 anos, na época. Um câncer no estômago descoberto no final de 2018 foi apressado em sua ruína. Clarice e Amanda continuaram juntas até a última sessão de quimioterapia. Hoje em dia elas são apenas na memória de Amanda. São nas fotografias emolduradas na parede do seu quarto. São nas lembranças evocadas por elas.

Elas ainda são e talvez nunca deixem de ser. Amanda encontrou nas fotografias um lugar para reviver o elo e viver o luto. Foi assim desde o primeiro dia sem Clarice. O quadro que emoldurava uma foto das duas foi companhia de Amanda durante todo o velório. Hoje, dois anos depois, ele está na cabeceira da sua cama, em outra casa e em outra cidade.

Deve haver uma relação entre o papel das coisas e a morte. A fotografia, para Amanda, foi essa coisa. A morte de Clarice, um evento inesperado que deu início a um ritual que fez da foto seu objeto de rito. Ela tentou outras vias ritualísticas. Chegou a frequentar uma casa espírita. Pensava "meu deus, eu vou senti-la". Mas nada superava o efeito da fotografia.

- Sabe quando a gente pede ajuda para alguém e aí a pessoa fala exatamente o que você precisava ouvir? É isso. Quando eu sinto que eu tô fazendo a coisa certa, eu não escuto, ninguém diz nada, eu não pergunto para ninguém, sinto como se fosse isso que eu tivesse que fazer. Eu sinto que é como se ela tivesse me dito.

Amanda encontrou seu alento quando as fotografias lhe ensinaram sobre a morte. Talvez seja Clarice em mais uma de suas aulas, explicando que o que permanece é o tempo, e nós quem passamos. Que quem está lá - nas fotografias - não é mais. Já foi, no instante que o capturaram naquele presente eterno, ainda que depararia de ser em algum momento da vida, no momento da morte. A fotografia é parecida da memória, assim compreendeu Amanda. E se há foto para se ver e memória para evocar, assim Clarice e Amanda serão para sempre.

(figura 2: acervo pessoal)

3 RECURSOS E ORÇAMENTOS

Não houve gastos com equipamentos, uma vez que realizei todas as entrevistas por videochamadas, utilizando apenas meu computador como instrumento. Também não tive gastos com diagramação porque a designer se disponibilizou para esta função de maneira voluntária.

4 CONCLUSÃO

Se as conclusões devem responder às questões da pesquisa, então este é o momento em que eu retorno ao início de tudo e me questiono: por que escrevi sobre isso?

Como num processo de revelação fotográfica, este trabalho foi, a cada etapa, tornando-se mais nítido em seu propósito. Desvelou-se, pouco a pouco, até que a imagem que se formou em minha frente se cristalizou por inteiro: um livro que diz muito sobre mim. Os meus interesses no jornalismo, voltados para o ordinário. A minha forma de narração, cadenciada e etérea. Um tema que remete à minha ancestralidade, eu, que sou neta de laboratorista. Uma escolha de pauta que, mesmo supostamente “leve”, aprofunda sobre questões reflexivas e inevitáveis como a morte, o racismo, a saudade e a fé.

E, agora, como num rebobinar de um filme, volto para trás e relembro os caminhos que me fizeram chegar até aqui. Neste momento, o labirinto se ilumina: posso enxergar que escrevi sobre isso porque algo pulsava diferente dentro de mim, eu, que tenho as palavras e as imagens como duas formas de expressão que se encontram no jornalismo.

Aquele algo ganhou contornos e me desafiou a descobrir como ambas, palavras e imagens, combinadas, conseguiriam dizer muito mais. Testei gêneros, formatos e linguagens. Provoquei-me e deixei-me ser provocada pelos textos que li e escrevi. Descobri, na própria temática, que tanto tratou das memórias dos outros, um resgate que era meu: olhei para a minha historicidade. Identifiquei-me como um sujeito com uma relação com a fotografia, que perpassa a história da família Ionemoto - a história da minha avó materna, Tiyoko -, e pousa em Campos do Jordão, na Serra da Mantiqueira, da década de 1950, quando o Hollywood Foto Studio era o local de trabalho da minha avó e dos seus irmãos.

O que a palavra “fotografia” evoca em minhas memórias, o que ela tem de efeitos em mim, deixo para escrever no futuro. Por enquanto sou um papel marinando em um recipiente numa sala escura: há muito o que se desvelar. Mas se hoje eu fosse personagem do livro, certamente escreveria uma crônica sobre como minha avó, ao acumular tantos retratos da família, sendo laboratorista, despertou em mim um interesse sobre esse assunto. E que me levou, durante toda a graduação em jornalismo, a procurar me envolver em projetos de fotografia e fotojornalismo. E, ao final, motivou a minha escolha de trabalhar com este tema como Trabalho de Conclusão de Curso.

Antes deste trabalho, não diria que o sentido da fotografia para mim é ancestral. Talvez minha resposta fosse utilitarista, algo como: ela me serve à expressão, à estética e ao trabalho. Se hoje aprofundo é porque me identifiquei com as pessoas que encontrei no caminho. Me permiti olhar através das suas lentes. Enxerguei-me na saudade de Fernando e na de Amanda, na criatividade de Marcelle, no carinho de Elenilda, nas vontades de Samyla e de Miguel.

Esse processo pelo qual passei é testemunho de que, de fato, a fotografia pode desencadear diferentes reflexões. Como a de que os recortes que fazemos sobre as nossas realidades nos permitem enxergar muito mais detalhes. E quem se deixou tocar, não apenas pelas fotografias, mas também pelas entrevistas - estes encontros que possibilitam o olhar para si, o desvelar-se -, pôde, aí sim, ter clareza dos seus contextos, da relevância das suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas – teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. Rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Ciência da Informação, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/bxHqRptRFCB8k9vNFJmnhnG/?lang=pt>. Acesso em: 06 mar. 2022.
- SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SILVA, G. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. In: SILVA, G.; SILVA, M. P.; FERNANDES, M. L. (ORG.). Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2013.
- SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos - as teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos**. Universidade Fernando Pessoa, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: Educs, 2004.
- WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ANEXO A

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2021.2		
ALUNO	Livia Tokasiki		
TÍTULO	Revelações: sete vezes em que a fotografia transbordou sentidos		
ORIENTADOR	Profa. Dra. Valentina da Silva Nunes		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro reportagem ()	(x) Florianópolis (x) Brasil (x) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Jornalismo. Fotografia. Crônica. Histórias do cotidiano.		
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso prevê a realização de uma coletânea de crônicas sobre as diferentes relações construídas entre um indivíduo e a fotografia. Seja o fotografar (ato) ou a fotografia (objeto), a pauta será conduzida pela pluralidade de assuntos tecidos de uma mesma inspiração, buscando compreender a profundidade temática advinda da fotografia para além da sua prática. Debruçando-se sobre um gênero cuja pretensão é “captar instantâneos reveladores da sociedade” (COSTA, 2005) e que, por isso, assemelha-se ao próprio ato fotográfico, deseja-se compilar pequenas histórias voltadas para o ordinário, revelando o que levou cada personagem a construir um sentido especial para a fotografia.		

ANEXO B

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Livia Tokasiki, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 16203736, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Revelações: sete vezes em que a fotografia transbordou sentidos** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 10 de março de 2022

Assinatura

ANEXO C

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu Amanda Brandalize, nacionalidade brasileira, inscrito no RG de número , inscrito no RG de número 6.728.471, autorizo o uso de imagem concedidas por mim ao Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) da graduanda Livia Tokasiki, sob orientação da Profª. Drª. Valentina da Silva Nunes. O respectivo trabalho consiste em uma coletânea de crônicas sobre fotografia, e, por esta razão, é pedido a presente autorização para utilização de minhas imagens. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e às imagens de minha autoria. Portanto, assino a presente autorização.

Florianópolis, 02 de março de 2022.

Assinatura



Documento assinado digitalmente
Amanda Brandalize
Data: 02/03/2022 17:26:15-0300
CPF: 012.201.509-67
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

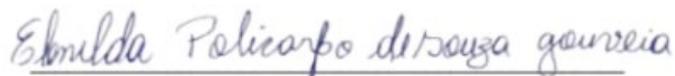
Amanda Brandalize

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu **Elenilda Policarpo de Souza Gouveia**, nacionalidade **brasileira**, inscrita no RG de número **1553881**, responsável por _____, inscrito no RG de número _____, autorizo o uso de imagem concedidas por mim ao Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) da graduanda Livia Tokasiki, sob orientação da Profª. Drª. Valentina da Silva Nunes. O respectivo trabalho consiste em uma coletânea de crônicas sobre fotografia, e, por esta razão, é pedido a presente autorização para utilização de minhas imagens. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e às imagens de minha autoria. Portanto, assino a presente autorização.

Lucena, 07 de março de 2022.

Assinatura



Elenilda Policarpo de Souza Gouveia

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu **FERNANDO FLESC DE ALBUQUERQUE FERNANDES**, nacionalidade **BRASILEIRA**, inscrito no RG de número **4.252.621**, autorizo o uso de imagem concedidas por mim ao Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) da graduanda Livia Tokasiki, sob orientação da Profª. Drª. Valentina da Silva Nunes. O respectivo trabalho consiste em uma coletânea de crônicas sobre fotografia, e, por esta razão, é pedido a presente autorização para utilização de minhas imagens. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e às imagens de minha autoria. Portanto, assino a presente autorização.

Florianópolis, 17 de fevereiro de 2022.

Assinatura

A handwritten signature in blue ink that reads "Fernando Flesch de A. Fernandes". The signature is written in a cursive style and is positioned above a horizontal line.

Fernando Flesch

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu Guilherme Marandino Durão, nacionalidade Brasileira, inscrito no RG de número 268628104, autorizo o uso de imagem concedidas por mim ao Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) da graduanda Livia Tokasiki, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Valentina da Silva Nunes. O respectivo trabalho consiste em uma coletânea de crônicas sobre fotografia, e, por esta razão, é pedido a presente autorização para utilização de minhas imagens. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e às imagens de minha autoria. Portanto, assino a presente autorização.

Rio de Janeiro, 03 de março de 2022.

Assinatura



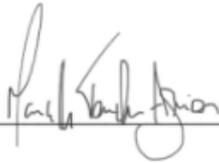
Guilherme Durão

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu MARCELLE TAUCHEN AGUIAR,
nacionalidade BRASILEIRA, inscrito no RG de número 23.471.834-4, autorizo o uso de imagem concedidas por mim ao Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) da graduanda Livia Tokasiki, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Valentina da Silva Nunes. O respectivo trabalho consiste em uma coletânea de crônicas sobre fotografia, e, por esta razão, é pedido a presente autorização para utilização de minhas imagens. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e às imagens de minha autoria. Portanto, assino a presente autorização.

RIO DE JANEIRO, 9 de março de 2022.

Assinatura



Marcelle Tauchen

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu Manoel Miguel Neto, nacionalidade brasileira, inscrito no RG de número 5.974.239 – SSP - SP, autorizo o uso de imagem concedidas por mim ao Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) da graduanda Livia Tokasiki, sob orientação da Profª. Drª. Valentina da Silva Nunes. O respectivo trabalho consiste em uma coletânea de crônicas sobre fotografia, e, por esta razão, é pedido a presente autorização para utilização de minhas imagens. Por esta ser a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e às imagens de minha autoria. Portanto, assino a presente autorização.

São José dos Campos, 18 de fevereiro de 2022.

Assinatura



Manoel Miguel Neto

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu Sanyla Soares Alexandrino Almeida nacionalidade
brasileira, inscrito no RG de número
MG - 21.050.243, autorizo o uso de imagem
concedidas por mim ao Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) da graduanda Livia Tokasiki,
sob orientação da Profª. Drª. Valentina da Silva Nunes. O respectivo trabalho
consiste em uma coletânea de crônicas sobre fotografia, e, por esta razão, é
pedido a presente autorização para utilização de minhas imagens. Por esta ser
a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e
às imagens de minha autoria. Portanto, assino a presente autorização.

22, de fevereiro de 2022.

Assinatura

Sanyla Soares Alexandrino Almeida
Sanyla Soares Alexandrino Almeida